

**ENTRE A VARIAÇÃO E A GRAMATICALIZAÇÃO:  
ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES EM CAMPO GRANDE (MS)  
E SÃO PAULO (SP)**

Marília Vieira (USP)  
[vieirasmarilia@gmail.com](mailto:vieirasmarilia@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho analisa qualitativamente contextos em que *aí*, *daí* e *então* funcionam como variantes de uma variável. Com dados extraídos de entrevistas coletadas em Campo Grande (MS) e São Paulo (SP), parte-se dos casos em que estas formas funcionam como dêiticos (nos quais elas não podem ser intercambiadas entre si) na direção de três conjuntos de dados – juntivos, marcadores discursivos e ambíguos – que parecem constituir um envelope de variação. Nos termos da sociolinguística variacionista (LABOV, 2006) e das teorias sobre gramaticalização (GIVÓN, 1995), analisam-se os usos desses articuladores na fala de duas capitais brasileiras, a fim de preparar os dados para uma análise quantitativa futura, cujo objetivo é revelar se há algum tipo de correlação social com seu emprego.

**Palavras-chave:** Variação. Gramaticalização. Oração. Juntivos. Marcadores.

**1. Introdução**

A premissa básica para um estudo variacionista é a de que dois enunciados tenham o mesmo valor de verdade (LABOV, 1978; LAVANDERA, 1978). No nível fonético-fonológico, esse princípio parece ser indiscutível, já que não haveria nenhuma objeção aparente a admitir-se, por exemplo, que *planta* e *pranta* têm o mesmo significado referencial em qualquer contexto linguístico.

Além do nível fonético-fonológico, contudo, é necessário demonstrar se os elementos analisados funcionam, de fato, como variantes de uma variável. Parece ser este o caso de *aí*, *daí* e *então* quando utilizados como articuladores de orações, como em (1):

- (1) eu fiz de novo a sétima série e a oitava *daí* eu concluí e fui pro Maria Eiza *aí* eu fiz lá o primeiro e o segundo em Contabilidade era técnico né? o curso antigamente você terminava já com a profissão né? só que eu engravidei eu tinha dezoito anos e fiquei grávida mãe solteira *então* eu tive que parar né? porque eu trabalhava durante o dia eu tinha a minha filha pra dar atenção (CG38FS-Emília)

Com o intuito de identificar e descrever os contextos em que esses três articuladores se revelam intercambiáveis entre si, utiliza-se de uma amostra de 96 entrevistas, realizadas nas capitais Campo Grande (MS) e São Paulo (SP). No exemplo, verifica-se a ocorrência de *aí*, *daí* e *então* como articuladores de orações cujos eventos que elas descrevem ocorrem numa sequência. Ao mesmo tempo em que interligam orações, *aí*, *daí* e *então* estabelecem nexos semânticos entre elas, guiando a interpretação do ouvinte. Na verdade, a noção de continuidade veiculada pelos elementos em questão não reside apenas nos termos em si mesmos, mas na conjuntura resultante da estrutura linguística e do contexto situacional. Em outras palavras, é no discurso que se atualiza o sentido dos articuladores (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981).

Sabe-se que, originalmente, *aí*, *daí* e *então* são formas dêiticas (TAVARES, 2003). Sua propriedade de articular orações é resultado de mudança linguística por gramaticalização. Nesse processo, um determinado elemento pode adquirir funções diversas dependendo do contexto em que é empregado. De modo geral, um item lexical passa a assumir funções gramaticais que não desempenhava em recortes diacrônicos mais tempranos, podendo inclusive vir a desenvolver papel na organização interna do discurso e em estratégias comunicativas, ainda que determinadas nuances semânticas desses vocábulos possam ser preservadas (em certos contextos) por um longo tempo na sua trajetória de mudança (BYBEE et al., 1994).

A partir dos postulados de Traugott e Heine (1991) acerca da gramaticalização de operadores argumentativos, pressupõe-se que *aí*, *daí* e *então* tenham percorrido o trajeto *espaço* > (*tempo*) > *texto*, e que tenham alcançando, ainda, um estágio posterior, o do discurso (BRAGA & PAIVA, 2003; MARTELOTTA, 1994). Logo, *aí*, *daí* e *então*, além de advérbios, atuam como juntivos e marcadores discursivos de caráter anafórico.

Com base no aporte teórico da sociolinguística variacionista (LABOV, 2006) e das teorias da gramaticalização (GIVÓN, 1995; HOPPER & TRAUGOTT, 1991), este trabalho dedica-se ao estudo dos contextos em que as formas *aí*, *daí* e *então* podem ser intercambiadas entre

si. Para isso, parte-se do conceito de *continuum*, que ajuda a esclarecer as múltiplas funções que tais formas desempenham na língua, mas em virtude do qual nem sempre é possível delimitar as fronteiras entre tais funções.

Ao reportar convergências e divergências de uso de *aí*, *daí* e *então*, a análise comparativa que este trabalho propõe pode revelar se as propriedades desses itens se revelam como gerais no português brasileiro, ou se apresentam características de uso específicas em comunidades de fala diferentes. Além de indicar particularidades de uso nas duas capitais, tal estudo comparativo pode revelar se, ao utilizar *aí*, *daí* e *então*, em contextos discursivos específicos, campo-grandenses e paulistanos se pautam em correlações entre essas formas e imagens de status social.

A descrição e a delimitação das propriedades juntas e discursivas de *aí*, *daí* e *então* levam não só à identificação do envelope de variação em que se organizam, mas também à necessária discussão de casos em que estes elementos parecem apresentar função dual (ou seja, casos em que podem ser interpretados tanto com juntivos quanto como marcadores discursivos). Esses casos são aqui tratados como ambíguos – uma proposta que condiz com a ideia de retenção funcional em estágios do *continuum* de gramaticalização.

A análise qualitativa dos dados, conforme se desenvolve aqui, deverá embasar a futura análise quantitativa, cujo interesse principal será verificar se há diferenças em relação ao ritmo do encaixamento da variável nas duas capitais. Em síntese, interessa investigar se o uso de *aí*, *daí* e *então* em função discursiva (seu estágio mais gramaticalizado), tende a se revelar mais recorrente no discurso dos falantes de um grande centro (ZILLES, 2007) como São Paulo, e se desenvolve-se num ritmo de difusão mais lento no discurso dos falantes de uma localidade menor, como Campo Grande.

## 2. O envelope de variação

Segundo Van Dijk (1977), os articuladores de orações possuem função pragmática, isto é, estabelecem relações entre atos de fala, e não entre fatos denotados. Para o linguista, uma descrição dos articuladores não pode simplesmente ser dada em termos de certos aspectos do sentido (condições de verdade ou de satisfação das proposições), mas requer uma

interpretação em termos de funções com respeito a contextos pragmáticos.

Ao propor a organização de *aí*, *daí* e *então* em três conjuntos de dados (o dos juntivos, o dos marcadores discursivos e o dos casos ambíguos), este estudo, a exemplo de Djik (1977), considera as peculiaridades semântico-pragmáticas dos articuladores, limítrofes entre si, mas também o fato de que juntivos e marcadores são categorias funcionalmente diferentes.

A proposta de um “lugar” para os casos ambíguos nesta análise justifica-se não só por uma adequação à natureza desses dados (caracterizados pelo *continuum* de gramaticalização), mas também pela dificuldade analítica que eles oferecem em termos de categorização. Em outras palavras, os “ambíguos” não constituem uma “categoria na língua”, mas uma categoria de análise.

## 2.1. *Aí*, *daí* e *então* dêiticos

A delimitação dos contextos de intercambialidade de *aí*, *daí* e *então* realiza-se mediante o cotejo com sua forma dêitica. Logo, embora seja possível identificar o uso de tais elementos com três funções distintas (dêiticos, juntivos e marcadores discursivos), tanto na fala campograndense como na paulistana, eles não podem ser empregados intercambiavelmente quando seu valor é adverbial:

- (2) ah sempre tem aqueles sonhos aquelas ambições qualquer um tem mas é eu sempre pego e passo e (xxx) um terreno baldio do lado do meu bairro lá [e<sup>34</sup> penso "aqui poderia ser um ótimo ginásio" pra essas meninas essas crianças não ficar *aí* jogando bola no meio da rua] (CG36MC-César)

Em (2) *aí* designa o local onde as meninas jogam bola – ou seja, trata-se de um uso dêitico, em que o item aponta para um lugar. Sua substituição por *daí* – “*pra essas meninas essas crianças não ficar daí jogando bola no meio da rua*” – acarretaria alterações de sentido sutis: *daí* implicaria uma espécie de oposição, como se o falante estivesse em um determinado lugar e visse as crianças jogando em um outro, um pouco mais distante. A ideia é de um *daí* em contraste com um “*daqui*”, subentendido. Além desta, parece possível interpretar que *daí* tenha valor con-

---

<sup>34</sup> Os colchetes sinalizam os períodos e/ou orações que se focam em cada trecho.

clusivo/consecutivo: o ginásio leva à consequência de que as crianças não tenham que ficar jogando bola na rua.

Por outro lado, em “*pra essas meninas essas crianças não ficar então jogando bola no meio da rua*”, não há interpretação com valor adverbial possível para *então*. Neste caso, o item também parece ser móvel na sentença (“*pra essas meninas essas crianças não ficar jogando bola no meio da rua então*”), diferentemente de *aí* e *daí* como dêiticos. *Então* pode ser interpretado, aqui, como um consecutivo/conclusivo ou como um apoio discursivo, uma estratégia de planejamento do discurso (MARCUSCHI, 1986).

Em função dêitica, o uso de *daí* também bloqueia o intercâmbio com *aí* e *então*:

- (3) meus vizinhos... tem... o L. o S. o P... desde quando eu tenho cinco anos... uns vinte... a gente cresceu junto... a partir *daí*... mais ou menos uns (CG21MS-Júlio)

Em (3), a substituição por *aí* tornaria a sentença agramatical, já que *daí* é justamente o resultado da contração com preposição *de* em “*a partir (de) aí*”. O mesmo ocorreria com *então*, ainda que, com este, não ocorra contração (“*a partir de então*”).

Casos em que *então* é o dêitico originalmente empregado parecem ser ainda mais resistentes a uma tentativa de substituição por *aí* ou *daí*, a exemplo de (4):

- (4) quando foi nascer meu segundo filho eu troquei de apartamento com a minha mãe ela foi morar no meu apartamento e [eu vim morar aqui que é o dela e eu estou morando aqui desde *então* há... de novo né?] depois de adulta há onze anos (SP45FSVC-PolianaM)

No exemplo (4), *aí* ou *daí* no lugar de *então* resultariam num período agramatical. *Desde aí*, embora possível na língua, não parece caber neste contexto temporal (talvez em razão da presença de *aqui* no período, a interpretação de *aí* fique condicionada a um sentido espacial); *desde daí*, por outro lado, embora possa ser considerada uma forma possível (talvez no discurso de falantes menos escolarizados?) seria sinônima de *desde aí*.

Logo, se a condição básica para um estudo variacionista é a de que, para serem considerados variantes de uma variável, dois enunciados precisam ter mesmo valor de verdade (LABOV, 1972; 1978; 2001; LANDERA, 1978), exemplos como (2), (3), e (4) – que ilustram empregos dêiticos de *aí*, *daí* e *então* – não caberiam num tal estudo. Em outras

palavras, esses casos não integram um envelope de variação e, como tais, não poderiam integrar uma análise variacionista.

## 2.2. Juntivos e marcadores discursivos

Diferentemente dos exemplos (2-4) discutidos acima, há casos em que *aí*, *daí* e *então* parecem poder ser intercambiados entre si num mesmo contexto:

- (5) trabalhei em ban/ tudo assim como secretária... *aí* parei de trabalhar quando meus filhos estavam acho que dezoito anos... que ela estava eu voltei a trabalhar *aí* fui trabalhar numa... clínica médica... agora sou uma senhora aposentada... cuidando do neto e também *aí aí* vai vai tomando uns rumos diferentes a vida da gente né? (SP77FCPS-VeraD)

O trecho em (5) é uma sucessão de acontecimentos codificados em sentenças conectadas por *aí*. A importância dessa conexão não é só sintaticamente importante, mas também semântica, pragmática e discursivamente – pois antecipa para o interlocutor uma sequência de eventos que podem estar vinculados de maneira temporal ou causativa, por exemplo. Neste trecho, *aí* não veicula um significado lexical (ou seja, não funciona como dêitico), mas detém propriedades argumentativas.

Pode-se dizer que em (6), da mesma forma que em (5), há um sequenciamento temporal de eventos e ações. Se em (5) tal sequência é intermediada por *aí*, em (6) ela é desempenhada por *daí*:

- (6) é difícil a situação que ela está passando né que eh compra *daí* alaga tem que comprar de novo ou perde tudo de novo né? (SP41CPL-RuthC)

O fato é que, em (6), há uma ordem necessária (que, no exemplo, contribui inclusive para a criação de um sentido de ironia): primeiro compra (o que quer que seja – possivelmente móveis e eletrodomésticos para uma casa), *daí alaga*, *daí tem que comprar (tudo) de novo*. Veja-se que não há um segundo *daí* (após *alaga*), mas o falante poderia tê-lo aí inserido, de modo semelhante ao da paráfrase acima. O fato é que, tanto em (5) quanto em (6), tanto *aí* quanto *daí* parecem funcionar como elementos que ligam os eventos/ações em sequência.

Já em (7), estabelece-se uma relação de causa e consequência:

- (7) eu fui o primeiro neto o primeiro sobrinho... *então* eu fui o mai/ paparicado (CG51MC-Maurício)

*Ser paparicado*, no período acima, é algo que “decorre”, enquanto noção pragmática, do fato de se ser o *primeiro neto/sobrinho* da família. Além de existir uma ordem necessária entre essas proposições (refletida na ordem sintática das sentenças), sua interligação por *então* reforça uma relação semântico-pragmática que poderia ser parafraseada e esquematizada assim: (*como/já que*) X, *então* Y.

Em (5), (6) e (7), apesar de nuances semânticas relativas aos elementos *aí*, *daí* e *então*, especificamente, ou relativas ao efeito de sentido que se cria com a interligação das sentenças com esses elementos, a função de sequenciamento ou encadeamentos de ações ou eventos parece poder ser desempenhada indistintamente pelos três. Nesses casos, *aí*, *daí* e *então*, além de poderem ser intercambiados entre si, compartilham da propriedade de poder serem substituídos por uma forma zero:

(5a) trabalhei em ban/ tudo assim como secretária...  $\emptyset$  parei de trabalhar quando meus filhos estavam acho que dezoito anos... que ela estava eu voltei a trabalhar  $\emptyset$  fui trabalhar numa... clínica médica... agora sou uma senhora aposentada... cuidando do neto e também  $\emptyset$  vai vai tomando uns rumos diferentes a vida da gente né?

(6a) é difícil a situação que ela está passando né que eh compra  $\emptyset$  alaga tem que comprar de novo ou perde tudo de novo né?

(7a) eu fui o primeiro neto o primeiro sobrinho...  $\emptyset$  eu fui o mai/ paparicado

Embora *aí*, *daí* e *então* possam ser substituídos pela forma zero, a presença deles em contextos como esses exemplificados de (5) a (7) parece conferir maior fluidez ao discurso. Tavares (2006) comenta que *aí* costuma ser mais frequente em situações tipicamente informais e que às vezes chega a ser avaliado como um vício de linguagem. A esse respeito, Abreu (1992) ressalta que, embora o uso de tal elemento seja comum, tanto por adultos quanto por crianças, a escola o rejeita.

Partindo dessas considerações e com base na premissa de que os indivíduos ajustam sua fala ao estilo (no sentido laboviano) requerido pela situação de interação em que se engajam (LABOV, 2004), seria possível traçar uma correlação entre o uso da forma zero e do articulador *então* com situações em que se presta mais atenção à fala. Por outro lado, em um relato pessoal - um dos estilos mais frequentes no *corpus* de Campo Grande e São Paulo - articular sentenças com *aí* ou *daí* poderia ser uma estratégia de agilidade comunicativa (talvez em razão da reduzida extensão desses vocábulos, se comparados a *então*) e que poderia estar de colocalidade.

Casos como (5-7) são frequentes tanto na amostra campo-grandense quanto na paulistana. Nesses – em que se estabelece uma ordem (necessária ou não) de eventos/ações, com ou sem uma noção de causa-consequência – propõe-se o rótulo “juntivos” para *aí*, *daí* e *então*, assim como fazem Braga e Paiva (2003).

Os exemplos abaixo trazem outros casos em que a intercambiabilidade entre *aí*, *daí* e *então* é constatada em estruturas muito semelhantes, do ponto de vista estrutural, semântico e pragmático. Nestes, os três juntivos foram inseridos no período, mas o primeiro da lista, em cada exemplo é aquele que foi originalmente encontrado na entrevista indicada:

- (8) como o cara não estava representando muito uma ameaça né? *aí/daí/então* a gente ficou na conversa ali mas é ruim né uma coisa muito ruim mesmo (SP30MSEN-RodrigoR)
- (9) acabei não avisando minha vó que minha vó que ia me buscar na escola né? *daí/aí/então* ela ficou desesperada achou que tinha acontecido alguma coisa (CG25FS-Adriana)
- (10) ele ele demorou um pouquinho mais pra sair do carro *então/aí/daí* a gente ficou com medo deles levarem eh ele junto mas não levou (SP31MSPS-CarlosJ)

Além de casos semelhantes a (5) a (10), as amostras campo-grandense e paulistana revelam contextos em que *aí*, *daí* e *então* não se enquadram nessa categoria que se propôs chamar de juntivos:

- (11) por também alguma/ algumas questões eh econômicas e tal [ela precisou ***voltar a trabalhar aí*** ela ela ***voltou***] o meu pai também trabalhava né? (SP31MSPS-CarlosJ)
- (12) [tem hora que é meio período que ***ela trabalha pra ele*** nunca ficar sozinho né? ***daí é ela daí*** tem eu] fico até umas onze e meia aqui com ele (CG25FC-Adriana)
- (13) ***é Parque Vitória*** e fica na grande re/ eh porque distri/ ahn o Tucuruvi é uma é um distrito do município ***então Parque Vitória*** é um um bairrozinho de... Tucuruvi (SP60FSPN-EthelM)

Em (11) a (13), *aí*, *daí* e *então* aparecem com com significação lexical reduzida (tanto relativamente aos dêiticos quanto aos juntivos). Se em (8-10) esses articuladores podem ser intercambiados na função de reforçar uma relação de causa e efeito entre duas proposições, em (11-13) eles também parecem intercambiáveis, mas sua função, aqui, é diferente: eles introduzem uma retomada de ideias, com uma força ilocutória distinta daquela verificada nos casos anteriores.

*Aí*, *daí* e *então* introduzem o resgate dos termos em negrito itálico em (11), (12) e (13); em outras palavras, articulam sua reintrodução no

discurso. Entende-se que, nestes casos, a função desempenhada por esses elementos é mais de natureza discursiva; com seu esvaziamento semântico, emerge sua propriedade anafórica. Aqui, *aí*, *daí* e *então* parecem garantir o encadeamento do período (não exatamente dos eventos/ações codificados nas orações que articulam), conferindo maior fluidez à fala. Funcionam também como uma estratégia de planejamento do discurso (MARCUSCHI, 1986; MARTELOTTA, 1996).

Diferentemente dos chamados “juntivos”, estes serão aqui nomeados de “marcadores do discurso” – no sentido de Braga e Paiva (2003). Para esses, o argumento a favor da intercambiabilidade (sem prejuízo à significação) se constrói justamente pela perda de carga semântica e reforço de propriedade discursiva. Em outras palavras, casos como esses também podem ser analisados à maneira variacionista, no sentido laboviano.

### 2.3. Casos ambíguos

Conforme se indicou na introdução, há um *continuum* entre os casos que podem ser categorizados como juntivos e aqueles que funcionam como marcadores do discurso. Nesse sentido, nem sempre é bem definida a fronteira entre eles e, desse modo, há casos que parecem compartilhar propriedades das duas categorias propostas, como (14) abaixo:

- (14) antes de chegar todo mundo "ih já vem esse cara já" o pessoal via a gravata via o terno já começava xingar [daí eu comecei *fazer* diferente *aí*... eu *fazia* amizade com o pessoal] (SP37MCPS-NelsonF)

Aqui, ao mesmo tempo em que *aí* parece introduzir um efeito resultante da mudança de atitude do falante, o item também retoma a causa em questão, sobretudo quando reutiliza o vocábulo “*fazer*” (*fazer diferente, fazer amizade*).

O que importa, contudo, é o fato de que, também nestes casos, os três elementos podem ser empregados. Assim, funcionem como juntivos ou como marcadores do discurso, ou compartilhem características de ambos, *aí*, *daí* e *então* podem ser analisados como variantes de uma variável. Como tais, convém perguntar se eles são empregados diferentemente em comunidades de fala distintas. Da mesma forma, interessa investigar se algum desses itens é mais recorrente num ou noutro contexto discursivo nas diferentes comunidades.

Uma questão analítica que também se coloca é se estes conjuntos de dados devem ser analisados separadamente. De um ponto de vista varacionista, calcado nos conhecimentos sobre gramaticalização, juntivos e marcadores (incluindo-se, portanto, os ambíguos) parecem constituir um único envelope de variação (do qual, obviamente, não fazem parte os casos em que funcionam como dêiticos). Nesse sentido, esses dados devem ser analisados globalmente, e o fato de serem juntivos, marcadores ou (analiticamente) ambíguos constitui-se como um grupo de fatores, que favorecem ou desfavorecem o emprego de uma ou outra forma variante.

Por outro lado, conforme a discussão a seguir desenvolve, cada uma dessas “categorias” apresenta subtipos – que só poderiam ser analisados “dentro” da própria categoria. Dessa forma, além de uma análise global dos dados (em que a variação é possível e constatada, de acordo com a argumentação acima), faz-se necessário também analisar cada conjunto de dados separadamente.

### **3. Juntivos**

O uso de juntivos consiste em guiar o processo de compreensão do interlocutor mediante a especificação de certas propriedades do contexto e dos efeitos contextuais (MARINHO, 2010). São vistos não apenas como elementos em torno dos quais o discurso se articula, mas também como guias para a interpretação, como elementos que podem facilitar a compreensão dos enunciados em que aparecem.

A intercambiabilidade de *aí*, *daí* e *então* com valor juntivo é verificada em três subtipos de dados, que se distinguem pela presença ou ausência de uma hierarquia entre as ações e acontecimentos interligados.

#### **3.1. Sequenciamento ordenativo**

O elemento definidor deste contexto é o princípio da *assimetria* (LAKOFF, 1971), que se caracteriza pela impossibilidade de inversão das sentenças. De maneira ordenativa, os juntivos encadeiam ações ou eventos que obedecem a uma hierarquia temporal cronológica e enunciativa. Caso a ordem dos acontecimentos seja alterada, tem-se uma sequência discursiva com sentido distinto da original:

- (15)[eu saí procurei um estágio também na zona sul na PUC *ai* fiquei cinco meses lá] e depois entrei num outro banco também lá na zona sul na na Marginal Pinheiros perto da Berrini ali (SP32FSEO-RebecaC)
- (16)fiquei cinco meses lá *ai* eu saí procurei um estágio também na zona sul na PUC
- (17)[ele falou “não... eu estou há vinte anos aqui”.... *daí* a gente falou “nossa mas sotaque não vai embora”] “não adianta... já tentei não não” (SP32FSEO-RebecaC)
- (18)a gente falou “nossa mas sotaque não vai embora” *daí* ele falou “não... eu estou há vinte anos aqui”
- (19)tem o shopping Center Norte né? que também é muito bom né? *então* o é um são salas muito boas (SP54FCPN-MarietaS)
- (20)é um são salas muito boas *então* tem o shopping Center Norte né? que também é muito bom né?

Para (15), (17) e (19), a inversão da ordem original das sentenças, respectivamente em (16), (18) e (20) resulta em um período semanticamente descaracterizado no contexto de cada excerto. Este é o argumento a favor de que estes sejam nomeados como casos de sequenciamento ordenativo por intermédio de *ai*, *daí* e *então*.

A definição mais comum para casos assim tem sido a de *sequenciação temporal* (KOCH, 1987; MARTELOTTA, 2004; TAVARES, 2003). Contudo, o rótulo “temporal” parece admitir que, em outros contextos sequenciativos, como será demonstrado nos tópicos seguintes, a noção de tempo não seria tão relevante. Além disso, esta pode ser uma nomenclatura menos eficiente do ponto de vista ilustrativo, na medida em que deixa de ressaltar a sincronia entre os tempos físico e discursivo, que não deve ser desconsiderada.

### 3.2. Sequenciação não ordenativa

Um estágio resultante da sequenciação ordenativa, no *continuum* da gramaticalização, é definido pelo princípio da *simetria* (LAKOFF, 1971). Aqui, o critério cronológico das ações elencadas não se coloca e a sua ordem de enunciação é deliberativa. Portanto, mesmo que ela seja invertida, a lógica do seu encadeamento não é afetada no contexto do excerto.

- (21)[minha família minha família é eu minha mãe e meu avô eu minha mãe meu irmão e meu avô né? *ai* de parente assim... eu eu nunca para você ter noção eu não conheço me/ meus tios e minhas tias] (CG20MC-Marcelo)

- (22) de parente assim... eu eu nunca para você ter noção eu não conheço me/ meus tios e minhas tias *aí* minha família minha família é eu minha mãe e meu avô eu minha mãe meu irmão e meu avô né?
- (23) saía fazia festinha era muito bom *daí* era tudo rapaz solteiros todos tinham salário bom (CG35MC-Lúcio)
- (24) era tudo rapaz solteiros todos tinham salário bom *daí* saía fazia festinha era muito bom
- (25) [muitas pessoas que estão no meu bairro por exemplo uhn ... acho que foi a melhor opção possível na cidade né? *então* são ... tem pessoas que moram de aluguel] tem pessoas que tem casa própria uhn tem migrantes da Bolívia tem migrantes do Nordeste né? (SP25FSPN-SílviaB)
- (26) são ... tem pessoas que moram de aluguel *então* muitas pessoas que estão no meu bairro por exemplo uhn ... acho que foi a melhor opção possível na cidade né?

Diferentemente do que se viu a respeito dos exemplos em (15) a (20), os pares (21)/(22), (23)/(24) e (25)/(26) são casos de orações simétricas, para as quais não há uma ordem necessária de enunciação dos eventos/ações codificados nas orações articuladas por *aí*, *daí* e *então*. Para esses casos, propõe-se o rótulo “sequenciação não ordenativa”.

A nomenclatura *sequenciamento textual*, do modo como empregada por Koch (1987) e Tavares (2003) também parece menos eficiente do que esta que se propõe aqui, uma vez que não traz à tona a questão de relevo para esse tipo de contexto, o princípio da simetria. Em *Introduzindo informações livres* (Martelotta, 1994), não fica exatamente claro de que tipo de estrutura se está tratando, em termos de sequenciação. *Adicionar ideias livremente* pode induzir ao entendimento de que seria possível alguma desordem semântica, no sentido de que o encadeamento de ações e acontecimentos possa ser realizado sem uma conexão de sentido muito evidente entre as ações e os eventos e sem qualquer correlação entre os tempos físico e discursivo.

### 3.3. Causa-efeito

Este conjunto de dados, a exemplo do anterior, também constitui um desdobramento direto da noção de sequenciamento ordenativo (TAVARES, 2009). A noção introduzida pelos articuladores é sempre a de uma ação ou evento desencadeado por outro, como se observa em (27), (28) e (29), que relatam os danos sofridos por um indivíduo em razão de determinado acontecimento.

- (27) é uma fase em que eu acho que [você acaba circulando mais e convivendo mais com outras pessoas e tudo por causa das crianças né? *ai* você enfrenta os mais os aspectos negativos de ficar circulando e tal] (SP72MSEC-JorgeV)
- (28) se você morasse aqui você ia conhecer tudo aqui *daí* você não ia precisar fazer a pesquisa (CG20MC-Marcelo)
- (29) a minha outra filha menor ela estuda aqui na Federal... [ela faz Psicologia... *então* ela não está trabalhando porque o tempo dela é aula de manhã estágio à tarde tal] (CG66MS-Durval)

Nesses casos, a ordem de enunciação das sentenças é flexível (de modo que se pode enunciar o efeito antes da causa). Essa reordenação se faz, contudo, apenas no plano discursivo. Do ponto de vista factual, a causa vem, claro, antes da ação desencadeada.

Aqui, opta-se pela nomenclatura *causa-efeito* em oposição a *Introdução de efeito* (TAVARES, 2003), pelo fato de esta última revelar-se uma definição de certo modo incompleta. Ela induz à interpretação de que um efeito possa ser desencadeado sem uma causa respectiva. *Causa e Consequência* (Martelotta, 1994) traduz bem a essência do contexto em questão, mas “efeito”, nesse caso, dá margem a uma gama maior de concepções, já que *ai*, *daí* e *então* podem conectar uma causa a uma conclusão.

#### 4. Marcadores discursivos

Diferentemente dos juntivos, os marcadores são caracterizados por articular sentenças com um “significado nuclear” (Schiffrin, 1987) que lhe dá uma identidade. Em alguns casos, podem relacionar apenas a realidade semântica (os “fatos”) de duas sentenças. Têm caráter mais retrospectivo que prospectivo, no sentido de que recapitulam informações, reintroduzindo-as no período. *Aí*, *daí* e *então* como marcadores do discurso se organizam em dois conjuntos de dados, de acordo com a exemplificação a seguir.

##### 4.1. Repetição de tópico discursivo

Em casos de *repetição de tópico discursivo*, o falante reintroduz – com o emprego de *ai*, *daí* e *então* – sintagmas ou elementos constituintes de orações anteriormente enunciadas:

- (30) eu já **fui** pra Americana... né? mas **eu** só **fui** a trabalho assim que teve uma feira né? da Darling... **ai eu** peguei e **fui** mas eu soube que o lugar era lindo bonito lá né? (SP20FCPL-LaraN)
- (31) e sábado meus pais **faziam supermercado daí** eles **faziam supermercado** a gente ia junto semp/ a gente (SP32FSEO-RebecaC)
- (32) eu confesso que eu me... identifiquei com o serviço administrativo e... pedagógico e... [**eu gosto bastante**] é tranquilo é assim porque é Educação né? a gente... na verdade nós somos os bastidores da da Educação [**então** é... **eu gosto bastante** por isso] (CG26FS-Celina)

Em (30), (31) e (32), os termos destacados são reintroduzidos no discurso por **ai**, **daí** e **então**. Em exemplos como esses, as formas articuladoras desempenham papel de marcadores discursivos, pois contribuem para a adesão do interlocutor ao tópico conversacional. Nesse sentido, a retomada de elementos de um enunciado anterior é pertinente, mas um tanto quanto generalizante.

Enquanto **ai**, **daí** e **então** juntivos articulam orações com algum sentido argumentativo, **ai**, **daí** e **então** discursivos são elementos que atuam de forma mais direta na interação entre falante e ouvinte, mediando e orientando o contato entre os interlocutores. Note-se ainda que o retorno a um tópico implica a reutilização de termos das orações anteriores, como ilustram os itens em negrito itálico nos exemplos acima.

A nomenclatura *Repetição de tópico discursivo*, adaptada de Braga e Paiva (2003), visa a complementar a noção de “retomada” proposta por Tavares (2003) e Martelotta (1994), já que o retorno a um tópico não necessariamente implica a reutilização de termos das sentenças anteriores, como constata o excerto acima.

#### 4.2. Síntese

Derivados dos casos de reintrodução *de tópico discursivo* (TAVARES, 2003), há contextos em que **ai**, **daí** e **então**, atuam como “sinalizadores” do encerramento do turno conversacional e do tópico discursivo (TAVARES, 2003). Esses casos são semelhantes aos anteriores, mas diferem deles, já que, aqui, os termos analisados, além de garantir fluidez ao discurso, sinalizam o desgaste do tópico. Logo após a informação sintetizadora, é comum haver o abandono do turno de fala ou repetições e hesitações (TAVARES, 2003).

- (33) não tem ninguém morando pra cá até que no interior tem um pessoal que mora no Paraná também **ai** aqui eh a família do meu pai é toda daqui uma mora tem

uma parte que mora na Zona Sul e outra parte que mora na Zona Norte [*aí* é mais *assim*] a a minha mãe tem mais o hábito de vê-los né? (SP31MSPS-CarlosJ)

(34) adorei o Rio f/ a gente ficou em Santa Teresa meu é muito lindo lá [*daí* é *isso*] (SP26FSEO-VivianeC)

(35) eu ia sempre pro Centro de São Paulo tinha uns barzinhos legais... hoje não dá mais não tem mais condição e é mal frequentado [*então* é *isso*] o Centro... está ruim (SP77FCPS-VeraD)

No papel de introduzir uma sintetização de ideias, *aí*, *daí* e *então* recuperam sucintamente informações anteriormente expostas, mas sem retomada explícita de itens anteriormente mencionados. Aqui, a oração que vem depois do marcador parece trazer sempre algum pronome demonstrativo (isso) ou um advérbio de modo (assim) – conforme se observa na sequência de eventos codificados nas orações dos períodos em (33), (34) e (35) acima. Ao mesmo tempo, ativam, de forma sucinta na memória do interlocutor, uma sequência de acontecimentos e anunciam a mudança de tópico discursivo (BRAGA & PAIVA, 2003).

Ao intitular esses casos de *Síntese*, objetiva-se retratar de modo mais globalizante o papel dos Marcadores discursivos nesse tipo de contexto. *Finalização* (TAVARES, 2003) alude à propriedade que apresentam os Marcadores discursivos de encerrar do tópico, mas parece reducionista na descrição de sua função. Antes de finalizar o tópico, *aí*, *daí* e *então* recuperam sucintamente as ideias expostas, sem reintroduzir no discurso vocábulos já enunciados.

## 5. Conclusão

A análise qualitativa de dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas coletadas em Campo Grande e São Paulo constata que *aí*, *daí* e *então* funcionam como variantes de uma variável na função de articuladores de sentenças. Tal função subdivide-se em casos nos quais esses itens atuam como juntivos ou marcadores discursivos. A discussão desses subtipos identifica diferenças sintáticas e, sobretudo, semântico-pragmáticas entre eles.

São também frequentes, nas amostras analisadas, ocorrências em que *então*, apesar de se constituir como um marcador, não permite a intercambiabilidade com *aí* e *daí*. Nesses casos, o falante se utiliza categoricamente *de então* para planejar o discurso, preparando o ouvinte para o que será dito, em vez de ir direto ao ponto, o que também caracteriza

uma estratégia de cortesia (IGLESIAS, 2001). Essa constatação qualitativa, contudo, deverá ser confirmada com a análise quantitativa dos dados. Se confirmada, esses casos serão tratados como “especiais” e, coerentemente, não serão incluídos na análise multivariada dos casos em que se constata, factualmente, a variação no emprego das formas.

Juntivos e marcadores, conforme demonstra a discussão que este artigo desenvolve, são tipos de sequenciamento de orações cujos eventos ou ações codificadas em orações são variavelmente articulados por *aí*, *daí* e *então*. Os dados desses dois “tipos” constituem um mesmo envelope de variação e cada um desses “tipos” ou papéis constituem-se como fatores de um grupo. Na lógica variacionista, convém verificar se uma ou outra forma é favorecida ou desfavorecida por esses fatores. Mais além, convém verificar se essas possíveis correlações se assemelham ou dessemelham nas falas campo-grandense e paulistana.

A proposta de uma classe de “ambíguos”, também conforme discutiu-se acima, vem no sentido de fazer jus a uma análise dos dados que está de acordo com os conhecimentos sobre processos de gramaticalização. Trata-se de formas que foram diacronicamente acumulando funções, de modo que no recorte sincrônico contemporâneo são, de fato, polifuncionais. Como tais, não é sempre possível classificá-las claramente em uma ou outra categoria, sempre indubitavelmente e sempre sem a possibilidade de contra-argumentos.

Os ambíguos são, então, uma categoria de análise, proposta no sentido de se fazer coerente com a realidade linguística dessas formas organizadas num *continuum*. Diferentemente dos juntivos e dos marcadores, contudo, os usos ambíguos não se subdividem em tipos; constitui-se como um conjunto de dados cuja descrição revela propriedades tanto juntivas quanto marcadoras do discurso.

Dessa forma, os dados ambíguos não serão analisados separadamente, tal como o serão os juntivos e marcadores. Por isso, na análise quantitativa, poderiam ser “amalgamados” com um ou com outro conjunto de dados. Outra possibilidade seria simplesmente deixá-los de lado, mas tal decisão só poderá ser tomada a depender da distribuição dos dados, ou seja, a depender do número de ocorrências classificadas como ambíguas.

O estudo de *aí*, *daí* e *então* em subconjuntos de juntivos e discursivos pode não só ajudar a definir as propriedades de tais itens em seus respectivos grupos de análise, mas também a evidenciar, em análises

quantitativas futuras, quais são as tendências de uso de juntivos e Marcadores discursivos em Campo Grande e São Paulo. Também será possível verificar se os fatores, sociais e linguísticos, que influenciam o uso dos elementos em cada uma das suas atribuições, convergem ou divergem nas duas comunidades.

Sabe-se que, em seus contextos de intercambialidade, *aí*, *daí* e *então* estão mais gramaticalizados e com significação lexical menos ampla que em sua forma dêitica, em cujo uso não se identifica a variabilidade das formas. O percurso espaço > (tempo) > texto > discurso, proposto por Traugott e Heine (1991), também direciona o agrupamento dos dados nos respectivos conjuntos apresentados, principalmente no que diz respeito aos casos em que os limites funcionais entre os articuladores não são particularmente nítidos.

Assim sendo, a análise variacionista de *aí*, *daí* e *então* poderá revelar se há especificidades de uso de tais articuladores em duas comunidades de fala distintas; permitirá discutir se, ao optar por uma ou outra das formas, o falante está sujeito a algum tipo de avaliação social e se essa possível avaliação é a mesma nas duas capitais. Em um estágio posterior da pesquisa, as análises qualitativas aqui realizadas conduzirão a resultados quantitativos obtidos por meio Goldvarb X (Sankoff et al., 2005), os quais poderão reportar as possíveis correlações entre juntivos e Marcadores discursivos, seus respectivos contextos discursivos e os fatores estruturais e sociais considerados na análise.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. T. V. *Elementos conjuntivos: sua variação em narrativas orais e escritas*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.
- BRAGA, M. L; PAIVA, M.C. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 206-212.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BYBEE, J.; PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar*. Tense, aspect and modality in the languages of the world. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, Jaqueline da Silva. *Gramaticalização do item depois na fala carioca: abordagem funcional*. 2007. Dissertação (de Mestrado). Faculdade de Letras / Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.

IGLESIAS, S. Los estudios de la cortesía en el mundo hispánico. Estado de la cuestión. *Oralia. Análisis del Discurso Oral*, n. 4, p. 245-298, 2001. Disponível em: <<ftp://tesis.bbtk.ull.es/ccssyhum/cs150.pdf>>.

KOCH, Ingedore G. V. Dificuldade na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: KIST, Marta; CLEMENTE, Elvo (Orgs.). *Linguística aplicada ao ensino de português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 83-98.

\_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, n. 44, 1978.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

\_\_\_\_\_. Ordinary events. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Eds.) *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2004, p. 31-43.

\_\_\_\_\_. *The social stratification of english in New York city*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, vol. 7, p.171-82, 1978.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARINHO, J. H. C. Estudando expressões conectivas emergentes no português brasileiro escrito. In: *ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL*:

25 anos de ANPOLL – memórias e perspectivas, 25. Belo Horizonte, 2010.

MARTELOTTA, Mário E. T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. 1994. Tese (de Doutorado). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_; RODRIGUES, Lucilene. Gramaticalização de então. In: MARTELOTTA, Mario E. T.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 221-235.

SANTOS, Zélia Gonçalves dos. *A gramaticalização dos vocábulos então e aí*. 2008. Dissertação (de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers: semantic resource for the construction of conversation*. Dissertation in Linguistics presented to the Graduate Faculties of the University of Pennsylvania, 1982.

SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. *Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

\_\_\_\_\_. *Os marcadores conversacionais em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

\_\_\_\_\_. *Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais*. In: MACEDO, Alzira V. T. de; RONCARATI, Cláudia N.; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 11-49.

TAVARES, M. A. A gramaticalização do aí como conector. Índícios sincrônicos. *Working Papers da Linguística*, UFSC, n. 3, p. 129-141, 1999.

\_\_\_\_\_. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

\_\_\_\_\_. *Variação estilística no gênero “entrevista sociolinguística”*: os conectores E, AÍ e ENTÃO em narrativas de experiências pessoais e relatos de opinião, 2011.

TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (Eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Vol.1: Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 189-218.

VAN DIJK, Teun. *Text and context: exploitations in the semantics and pragmatics of discourse*. New York: Longman, 1977.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.